

Emaranhar e *cuyrizar*: perspectivas ético-ontoepestemológicas para senti-pensar-estarmos-sendo pesquisas outras

Will Paranhos¹

Resumo: Lançando-me a uma tentativa de contra-colonizar o “fazer pesquisa” que (re)conhecemos, “emaranho-me-com” teorizações neomaterialistas (Karen Barad, 2007) e afetopolíticas *cuir* (Gracia Trujillo, 2023) “rasuradas”, desejando abrir a pesquisa a um movimento de confluência (Antônio Bispo dos Santos, 2023) e de *cuyrização* (Will Paranhos; Paulo de Tássio Silva, 2024). Permito-me “assombrar-com” a proposta de pensarmos em um currículo “outro” (Elizabeth Macedo; Janet Miller, 2022), de modo que o presente trabalho se torna uma também tentativa de escrita científica emaranhada. Desse modo, não irá e/a/o leitor/leitora/leitor encontrar um texto em que as “informações” e os “indícios” sejam apresentados de modo cadenciado, mas, ao contrário, sempre emaranhados. “Movimento-me-com” a pulsão de criação que constitui o exercício de (com)templar a vida e suas “complexidades”, acreditando ser este um caminho para senti-pensar-estarmos-sendo pesquisas “outras”.

Palavras-chave: Emaranhar. *Cuyrizar*. Pesquisas.

¹ Doutorande em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) / Giros Curriculares: currículo, cultura e diferença (UERJ/CNPq). profewillparanhos@gmail.com

Dando corda

Este texto, como tantos outros que tenho me proposto a constituir, “emerge” de modo assombrado e, em sendo assombração, ela é “somente isto”, assombração. Não há uma razão lógica, consciente. Há somente entrega a um algo que também constitui, de alguma maneira, o presente exercício de senti-pensar-estarmos-sendo. Elizabeth Macedo e Janet Miller (2022) se propõem, seguindo os pressupostos de Judith Butler, a pensar na possibilidade de um currículo “outro” que se constitui - e permitam-me as repetições de alguns termos, pois pretendo tentar escapar, ainda que não consiga, de enunciados que resguardam em si, de modo mais proeminente, a “lógica” metafísica e, mais especificamente, a ideia de uma agência sempre exterior - com base na experiência da relacionalidade, como um currículo que “não pretende chegar a lugar nenhum, porque ele não opera na lógica do resultado mensurável das competências, das identidades projetadas de cidadania e empreendedorismo ou de qualquer síntese” (Elizabeth Macedo; Janet Miller, 2022, p. 14), mas “como [possibilidade de] teorização, com o desejo normativo de ampliar as possibilidades de falar desses vínculos, criar condições para que eles possam ser reconhecidos como currículo” (ibid.).

Este currículo “outro”, então, do qual falam as autoras, não se ocupa da definição e sintetização do que venha a ser o currículo em si, mas com a proliferação de significados que possam emergir a partir do movimento de pesquisa e teorização em currículo. Ao invés de “sintetizar” o exercício, restringindo as interpretações em torno do campo, as autoras buscam “complexificá-lo”. Se pensarmos que, atualmente, as lógicas neoliberais e neocoloniais têm reforçado processos de “sintetização” sobre tudo - e todes -, tornando as “coisas” “simples” e, conseqüentemente, mais facilmente economizáveis, o “complexo” tem sido deixado de lado. Ninguém “possui” tempo para lidar com o complexo, afinal ele - o tempo - é algo que “cada vez mais menos temos” e, o pouco que temos, deve ser aproveitado de modo produtivo. Não nos sendo mais possível contemplar a vida, seus fluxos - inclusive os inativos - e, conseqüentemente, sua “complexidade” (Byung-Chul Han, 2023), somos distanciades/distanciadas/distanciados do fazer-pensar-estar (Walter Mignolo, 2015), do sentir (Raúl Ferrera-Balanquet, 2015), e

restringindes/restringindas/restringidos a meros momentos de “criatividade”, ao invés de “criação”, em que assumimos uma postura de (re)produção constante, isenta das pulsões desejanças que proliferam a produção de vidas mais vivíveis (Suely Rolnik, 2018). O currículo “outro” que me assombra é, de certo modo, uma tentativa de contrariar esta normatividade que se estabelece.

A “sintetização” é também assegurada cotidianamente no ambiente acadêmico, quando somos impelidos/impelidas/impelidos a um “fazer pesquisa” que prima pela *epoché*, movimento que consiste na suspensão de juízos e dos sentidos (Cristiano Barreira; Leandro Ranieri, 2013). É uma academia e um “fazer pesquisa” “frios”, que desconsideram a experiência do sentir, por acreditarem que o “sentimento” - exercício do sentir - nos impediria de atingir resultados confiáveis, além de fazer-nos perder tempo - aquele tempo que “deve” ser produtivo - durante o processo de construção da pesquisa. Falo somente de um “fazer pesquisa” e não do “pensar pesquisa”, justamente porque, de acordo com Raúl Ferrera-Balanquet (2015), é mesmo impossível um pensar que seja isento do sentir.

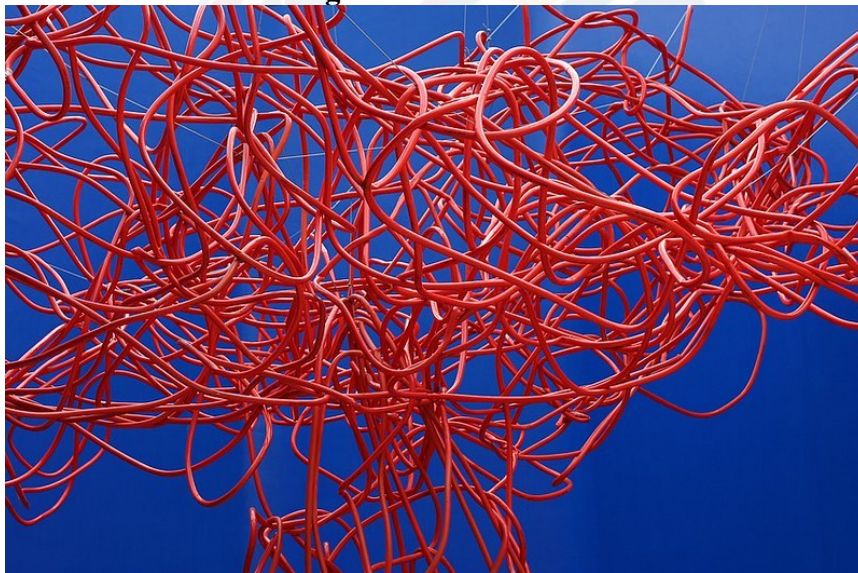
Sim, tudo isso precisa ser mencionado para que eu possa minimamente localizar es/as/os leitores/leitoras/leitores acerca da proposta que venho emaranhando em minhas pesquisas, pois com ela/nela não desejo encontrar absolutamente nada, mas, ao contrário, também provocar desencontros, andar por labirintos e encruzilhadas, numa tentativa de não se fixar, de não sintetizar, mas de complexificar e criar modos “outros” de sentir-pensar-estarmos-sendo pesquisa. São movimentos que simplesmente estão-sendo (Will Paranhos, 2024), girando constantemente e tentando contra-colonizar as epistemologias e a pesquisa. Para tanto, parto das perspectivas neomaterialistas (Karen Barad, 2007) e das afetopolíticas *cuir* (Gracia Trujillo, 2023) torcidas (Sayak Valencia, 2015) e “rasuradas”, constituindo não somente o *cuyr*², mas movimento de confluência (Antônio Bispo dos Santos, 2023) e *cuyrização* (Will Paranhos; Paulo de Tássio Silva, 2024), que encontra nas políticas de localização sua maior potência (Pedro Paulo Pereira, 2015).

² De acordo com Will Paranhos e Paulo de Tássio da Silva (2024), “O uso do “y” no lugar do “i” se situa num movimento de rasura numa perspectiva ameríndia. Para João Nȳn, indígena Potyguara, o “y” é uma vogal sagrada na língua tupi-guarani” (p. 81).

Caia Coelho (2021), no posfácio que escreveu para *Neca + 20 poemetos travessos*, de Amara Moira, nos chama a atenção para “a obsessiva busca de entendimento” (p. 30), questionando se tudo deve realmente passar por um processo de tradução. Segundo ela, “[o] estranhamento e o distanciamento são formas de interação e, da mesma forma, revelam sentidos de pertencimento” (Caia Coelho, 2021, p. 31). A tradução nos dá pistas de um culto à transparência, ao compreensível, ao inteligível e, assim sendo, ao sintetizado. Por outro lado, na recusa à transparência reside o direito à opacidade, tornando possível a constituição de uma singularidade irreduzível que é, desde sempre, complexa. Traçando um paralelo, este é o movimento que percebo nas afetopolíticas de localização em confluência e *cuyrização*, que encontra nas cosmologias ameríndias, nos saberes afrodiaspóricos, nos terreiros, nos quilombos (Will Paranhos; Paulo de Tássio Silva, 2024), os emaranhados necessários para manter-se em constante vivibilidade.

O emaranhado

Imagem 1 - Emaranhado.



Fonte: https://live.staticflickr.com/3245/2985281276_9985ea8a59_c.jpg. Acesso em 06 mar. 2025.

Ao nos depararmos com uma imagem como a representada na abertura da presente seção, logo somos tomados/tomadas/tomados por um desejo gigantesco de desemaranhar,

produzindo “um algo” que seja linear, organizado, inteligível e compreensível. Este é o mesmo movimento que nos leva, em nossas práticas de pesquisa, a primarmos pelo que chamamos de “método”. Porém a proposta aqui é outra, numa tentativa, e sempre tentativa, de pensarmos, a partir do assombramento-com Elizabeth Macedo e Janet Miller (2022), em outros modos de senti-pensar-estarmos-sendo pesquisa, acreditando que o perder-se nos emaranhados e nas relações que nele/dele se constituem é muito mais potente do que “achar uma saída”.

Ademais, é nesta proposição que novamente me emaranho ao assombramento-com Macedo e Miller (2022) e seu currículo “outro”, o qual só é possível por meio da relacionalidade. Apesar de as autoras trabalharem com uma perspectiva ontológica dos sujeitos, tenho convicção de que senti-pensar-estarmos-sendo de modo emaranhado é constituir um espaço - opaco, turvo, confuso, complexo - em que se torna possível promovermos deslocamentos e envolvermo-nos em um exercício de pesquisa que seja ético-ontoepistemológico³ e relacional, em que tudo, seres humanos, outros-que-humanos e mais-que-humanos encontram-se em constante afetação. No início da escrita eu “dei corda” justamente para que consigamos romper com a lógica colonial, desejando que percamos e não encontremos mais sua ponta, restando-nos apenas a possibilidade de (com)viver nos emaranhados.

Emaranhando-se

O que quero aqui, na tentativa de uma escrita que se constitua de modo difrativo (Karen Barad, 2007), é tentar - novamente - ler os padrões de difração que surgem a partir do exercício de senti-pensar-estarmos-sendo pesquisa ao qual me proponho e o qual

³ “Neologismo [que] foi cunhado inicialmente pela física e filósofa estadunidense Karen Barad (2007) para apontar para a indissociabilidade da ética, da ontologia e da epistemologia quando nos engajamos na prática científica e na produção de conhecimento científico. O termo tem sido utilizado com maior frequência na última década. Kuby e Zhao (2022) indicam que esse neologismo, escrito como uma única palavra, demonstra que axiologia (ética) não pode ser separada da ontologia (realidade) nem da epistemologia (conhecimento). Para elas, a ético-ontoepistemologia é uma orientação filosófica sobre como o mundo se torna o que é, e não uma lente que podemos aplicar ou tirar/colocar”. (Jefferson Mainardes, 2022, pp. 3-4).

experiencio, e não, em momento algum, ditar a maneira como esta proposta se apresenta de maneira factível. Assim, no abrir-se ao emaranhamento, eu, corpo-experiência, sou laçada e envolve pelo emaranhado através da ideia de *queer*, que se emaranhou em *cuir*, depois em *cuyr*, e que agora, e somente agora, está-sendo *cuyrização*. Não pretendo, deste modo, constituir uma “genealogia” do *queer* ou apresentar as limitações que atualmente, percebo, incidem sobre a perspectiva/terminologia euroamericocentrada. Parto, deste modo, para o exercício difrativo em torno do termo *queer*, a fim de que possamos perceber padrões outros que se constituem a partir de sua difração. A origem do termo *queer* é encontrada no latim *torquere*, o qual pode ser compreendido como “torcer”, “girar” ou “dar a volta”. Para Sayak Valencia (2015), “torcer-se não é mais do que mover-se em giros, desviando-se da direção originária” (p. 20). A partir desta pretensa localização desenvolvida pela autora, é que percebo um movimento de *cuyrização* emaranhado que, talvez, não possa ser percebido com o uso do *queer* euroamericocentrado. Por tal motivo, me permito não adentrar aqui a toda a história do movimento e teoria *queer* que se constitui no norte global, mas me afaio numa história que seja mais próxima de nossas experiências, me voltando à sua discussão/produção em terras *sudakas*⁴.

Grande parte das produções brasileiras em torno do *queer* falam sobre uma “viagem” que a teoria haveria feito, ainda na década de 1990, migrando do Norte para o Sul global (Pedro Paulo Pereira, 2015), jornada esta que só foi possível por conta dos câmbios acadêmicos. À época, pesquisadores, pesquisadoras e pesquisadores visitavam várias universidades americanas e tiveram um primeiro contato com o *queer*. Não restava dúvidas de que a “novidade” deveria ser importada. Conforme o destaque de Pedro Paulo Pereira (2015), a teoria, ao desembarcar em terras tupiniquins, provoca uma gigantesca inquietação nas ciências humanas, principalmente no campo dos estudos de gêneros e sexualidades. Esta, contudo, é uma perfeita história colonial, que representa o movimento de “importar” aquilo que entendemos que seja muito “melhor” quando produzido “lá fora”.

⁴ Expressão depreciativa utilizada para se referir às pessoas naturais da América do Sul.

Eu, no entanto, defendo veementemente o contrário. O *queer* já existia por aqui, contudo sem ser *queer*, ou *cuir*, ou *kuir*, ou *cuyr*. Os dispositivos que incidem sobre essa história de uma chegada do *queer* muito se aproximam da truculenta colonização sofrida nestas terras há mais de 500 anos. O Brasil é um projeto colonial, pois ele só se torna Brasil a partir da chegada dos colonialistas e da criação do “Brasil”. Todavia, estas terras já eram habitadas por vários povos e nelas existiam histórias, as quais são apagadas pelo discurso do “descobrimento”. Assim ocorre com a afetopolítica à qual me refiro, que já estava expressa nas relações e nas figuras existentes neste cu de mundo (Larissa Pelúcio, 2016), mais especificamente nos territórios de África ou da Latinoamérica, há centenas de anos. Dizer que o *cuyr* só é *cuyr* a partir do *queer* é querer contar uma história pelos dizeres coloniais. Nossas trincheiras eram povoadas por mestiços, chicanas, indígenas, travestis, pretas, pretes e pretos, mulheres e homens trans, bichas, veadinhos, mariconas, lésbicas, sodomitas e pederastas, além daqueles que se nomeavam tão somente por conta da imposição colonial.

Falo em centenas de anos sem medo de errar. Ao considerar, mais especificamente, 1587, quando Gabriel Soares de Sousa relata, em *Tratado descritivo do Brasil*, a existência de uma figura, conhecida por indígena Tibira, que, a partir de sua corporalidade, rompia com as normas de gênero vigentes (Luiz Mott, 2005), a partir de uma perspectiva colonialista, e que foi assassinado em 1613 por não adequar-se ao imposto pelos portugueses, encontro a primeira das grandes evidências sobre um movimento anti-assimilacionista em nosso local.

Imagem 2 - Representação de indígena Tibira.



Fonte: Galileu -

<https://www.google.com/url?q=https://revistagalileu.globo.com/sociedade/historia/noticia/2023/05/quem-foi-o-indigena-tibira-o-lo-assassinado-pela-lgbtphobia-no-brasil.ghtml&sa=D&source=docs&ust=1772463788847092&usg=AOvVaw0KFEfo75G17iFUYXVDQfI2.> (2013).

Porém, como acredito que nada deve encerrar-se em si, vou à busca de outras marcas de um *cuyr* local. Nessa tentativa de perceber a potência na opacidade, no turvo, no confuso e no complexo, me deparo com Xica Manicongo (1591-?) e Yaya Mariquinhas (século XIX) em Salvador/BA, Madame Satã (1900-1976) no Rio de Janeiro/RJ, Cintura Fina (1921-?) e Tomba Homem (1935-2016) em Belo Horizonte/MG (Megg Rayara Oliveira, 2020), todas figuras que, por meio de seus corpos-experiência “em dissidência” promoviam a desestabilização das normas, o descentramento dos ideais, a possibilidade de “criação” (Suely Rolnik, 2018) de “outros” modos de vidas. Sei que, ao apresentar tais “indícios”, tão caros à pesquisa acadêmica, muito possivelmente surjam argumentos que, apesar de reconhecerem os fatos elencados, advogam pela ideia de que o *queer* não pode ser lido a partir de ações pontuais e isoladas, haja vista a compreensão de que ele, nos Estados Unidos, torna-se um movimento social, e que, além disso, não há qualquer informação que indique sua relação com as questões epistemológicas. Ledo engano.

O Grupo SOMOS é reconhecido como o primeiro grupo organizado que, já na década de 1970, lutava em favor dos direitos de homossexuais e contra a autoridade desmedida, especialmente por ser fundado durante o período da ditadura militar, questionando os binarismos sociais impostos. Com relação ao campo epistemológico, também na década de 1970, citam-se como exemplos as pesquisas de Peter Fry, Néstor Perlongher, bem como as colunas publicadas pelo jornal *O Lampião da Esquina* que, apesar de não se tratar de um meio de divulgação científica, eram escritas por intelectuais que militavam contra o regime político da época (Fernando Benetti, 2013). Em sua afetopolítica de localização, a proposta *cuyr* no Brasil já era, mesmo sem saber, fraturar as estruturas normato-ontológicas ou normato-epistemológicas que defendiam os essencialismos, as naturalizações e, consequentemente, as violências.

E que “local” é este do qual tanto falo? Qual sua importância? Emaranhade-com as políticas de localização de Adrienne Rich (1987) e com os conhecimentos situados de Donna Haraway (1990), compreendo que o local é o espaço que se constitui a partir de histórias que se tornam personificadas, afetando e sendo afetadas pelos corpos, e operando na produção de sentidos e experiências. Ademais, pensando com o quase-conceito de “corpo-lugar” de Marcelo Brito (2017), em que este representa a abertura necessária para que as experiências sejam vivenciadas de maneira ampla, sem o estabelecimento de zonas de definição, entendo que se torna imperioso demarcarmos a localização, não só do *cuyr*, mas de todo e qualquer tipo de movimento que se estabeleça, possibilitando-nos um senti-pensar-estarmos-sendo “em complexificação”. Este é “um caminho para potencializar a produção de uma crítica voltada aos processos discursivos que conferem aos corpos, aos gêneros e às sexualidades o selo de uma normalidade que é social e culturalmente construída” (Dilton Couto Junior; Fernando Pocahy, 2017, p. 9) e, além disso, de perceber o modo como os distintos processos de identificação são atravessados, em sua totalidade, pela diferença, constituindo emaranhados outros. É a partir destes que se torna possível pensarmos, considerando as identidades sempre de modo provisório e precário (Marlene Wayar, 2021), em quem estamos-sendo (Will Paranhos, 2024).

Eis que volto à Elizabeth Macedo e Janet Miller (2022), lembrando-me do instante em que as autoras nomeiam também o currículo “outro” como um currículo *currere*, termo oriundo do latim que significa “correr” ou “em curso”. Escolhido por William Pinar (2011) para nomear o método por ele pensado, o *currere* compreende o currículo enquanto meio para a constituição das experiências subjetivas e autobiográficas, possuindo, deste modo, características que se relacionam com o campo psicanalítico, em que o sujeito reflete a respeito de seu passado como modo de repensar o presente e criar futuros outros. É uma experiência carregada de sentidos na busca por uma “evolução” que não se relaciona com progresso cadenciado, ou seja, de etapas que devem ser cumpridas para que a pessoa se “desenvolva”, mas uma evolução que é constante, ininterrupta, que sempre escapa e que nunca se cumpre em definitivo, entendendo que ao cumprir-se estaria, na realidade, fixando-se. Assim, o currículo “outro” de Elizabeth Macedo e Janet Miller (2022) pode ser tido por um currículo “em curso”, o qual se faz, e ao mesmo tempo desfaz, para então refazer e, novamente, desfazer, durante sua feitura mesma, sempre constituído pelas/nas/com as relações que o atravessam, o que me leva a não pensar em um *cuyr currere* ou em um *currere cuyr*, mas no *cuyr* como este movimento afetopolítico de localização “em curso”. *Cuyrização*.

Em sendo este movimento que se lança à tentativa de promover travessias, trânsitos e translocalizações, a *cuyrização* acaba constituindo em seu percurso verdadeiros emaranhados que, a partir dos processos de difração⁵, parecem ser “os constituintes fundamentais que compõem o mundo” (Karen Barad, 2007, p. 72, tradução nossa), tornando-se “capazes de criar arranjos inesperados” (Sayak Valencia, 2015, p. 23, tradução nossa) e podendo ser pensada como meio para assumirmos formas “outras” de senti-pensar-estarmos-sendo.

⁵ A difração é um fenômeno físico relacionado às ondas, sejam elas de luz, som, água ou outros. Diferentemente da reflexão —quando a onda é emitida, encontra um obstáculo e reflete, mudando sua direção—, na difração, após o encontro com o obstáculo, a onda cria outros movimentos, como o atravessamento do obstáculo por pequenos orifícios (a onda contrai-se); a transposição pelas margens da barreira; o rebatimento; mas não só mudando de direção, mas de forma, sentido, estrutura e outros. A reflexão é uma maneira de representação, tão somente. Já no fenômeno da difração é que as diferenças surgem (Will Paranhos; Maria Luísa Jiménez-Jimenez, 2023, p. 153).

Contra-colonizar o “fazer pesquisa” e implodir o sintético

Na seção anterior deixei pontas soltas neste grande emaranhado e, aqui, pretendo emaranhá-las ainda mais. O realismo agencial proposto por Karen Barad (2007), a partir do qual pensamos em uma ético-ontopistemologia, refere-se a uma abordagem pós-humanista que difrata em torno das práticas científicas, com o intuito de analisar os efeitos materiais que estas produzem, num exercício de performatividade discursivo-material (Karen Barad, 2007). A matéria, para Karen Barad (2007), não é um algo que só se torna inteligível a partir de sua significação discursiva, mas é uma entidade que proporciona diferentes processos de materialização.

A matéria no Realismo Agencial não figura como uma entidade cuja inteligibilidade transcende a experiência humana; antes, são os fluxos de matéria e os processos diferenciais de materialização que ela enceta que dão condição para a materialização das noções de humano e humanidade, bem como suas fronteiras, sentidos e propriedades (Pedro Tedesco; Kátia Maheirie; João Oliveira, 2021, p. 91).

Para que o realismo agencial possa ser mais facilmente compreendido, devemos nos voltar à intra-ação que, diferentemente das interações, em que “duas ou mais entidades individualizadas que subsequentemente se relacionam, de modo que cada uma conserva um determinado nível de independência em relação à(s) outra(s)” (Caynnã Santos, 2017, p. 150), compreende em si os processos de constituição mútua, no qual as entidades e as agências se materializam concomitantemente, sem que estas sejam anteriores ao processo relacional. Em outras palavras, a matéria e seu significado se originam juntos e não há um que preceda o outro.

Deste modo, cambiamos as perspectivas, passando “da linearidade da interação (preexistência à relação) para a simultaneidade da intra-ação (coconstituição de agências que são desde sempre entrelaçadas, não deixando espaço para nenhum grau de independência)” (*ibid.*). Este corpo, do qual parte Karen Barad (2007), não é aquele que

nos faz retroceder a um discurso essencialista, biologicista e naturalista, no qual a carne demonstraria a razão de tudo e nos diria sobre o que é “correto”. Para a pesquisadora, a carne já é em si um fenômeno, ou seja, já representa um processo intra-ativo em que agem aspectos materiais, discursivos, políticos, sociais, tecnológicos, étnicos, culturais, humanos, não-humanos, mais-que-humanos, e tantos outros quanto se possa imaginar. O corpo se “performatiza enquanto exterior e uno pelas intra-ações que o constituem” (*ibid.*, p. 154). A partir daí é que tenho chamado-o de “corpo-experiência”.

Sobre os fenômenos, devo salientar que estes são emaranhados de “espaçotempomaterialização, não no sentido corriqueiro de uma conexão ou intercruzamento de entidades individuais, mas no sentido técnico de ‘emaranhamentos quânticos’, que são a inseparabilidade (ontológica) de ‘componentes’ agencialmente intra-ativos” (Karen Barad; Jorge Marçal; Thiago Ranniery, 2020, p. 314) e “não são a interconexão de coisas ou eventos separados no espaço e no tempo. Emaranhamentos são dobras de espaçotempomaterializações” (*ibid.*, p. 330).

Os exemplos dados anteriormente, que nos servem como sinais de um movimento de *cuyrização*, são “indícios” dos emaranhamentos quânticos, nas palavras de Karen Barad, Jorge Marçal e Thiago Ranniery (2020), presentes naqueles corpos-experiências, movimentos e pesquisas, os quais marcavam e marcam importantes deslocamentos dentro da ontologia e da epistemologia clássicas, no instante em que nos colocam frente à indeterminação, levando-nos a pensar que a diferença não é uma questão de exterioridade, ou seja, daquilo que difere de mim, mas que ela surge por conta de uma condição local de exterioridade-dentro-do-fenômeno, visto que nada está separado, mas sempre junto-separado, emaranhado.

Se *cuir* defende a não fixação da identidade; se “[i]dentidade é matéria fenomênica; não é uma questão individual[; se] [i]dentidade é múltipla em si mesma; ou, posto de outro modo, identidade é difratada através de si – identidade é difração/différance/diferir/deferir/diferenciação” (Karen Barad; Jorge Marçal; Thiago Ranniery, 2020, p. 315); se *cuyrizar* é um torcer-se em giros, desviando-se da direção originária, em que não se percebe uma linearidade, mas, ao contrário, a constituição de caminhos (im)possíveis e (im)prováveis, que vão sobrepondo-se e emaranhando-se;

podemos inferir que a diferença só é possível por meio dos emaranhamentos, resguardando-se as singularidades e afastando-nos de qualquer tentativa colonial de sintetização.

Em suma, o neomaterialismo não incorre em certa «metafísica da presença» (nos termos de Derrida), mas antes se mantém no campo animado pelo debate antimetafísico pós -nietzchiano. Defende -se aqui que não há uma instância «pura» a ser resgatada por remissões muitas, sobre a qual se alicerçariam as relações de poder (entre elas, e talvez principalmente, as sexuais) desde tempos imemoriais. Advoga -se, sobretudo, em favor do reconhecimento de uma ontologia «impura», híbrida (Caynnã Santos, 2017, p. 154).

Todo o exposto, e muito mais, me faz retornar - ainda que não tenha “saído” de lugar algum - à impossibilidade do sentir dentro do cânone acadêmico, haja vista termos a necessidade de produzir cada vez mais, com cada vez menos, e cada vez mais rápido. O senti-pensar-estarmos-sendo seria/é um fenômeno intra-ativo contra-colonial, no instante em que só se constitui através dos emaranhados, em que “senti” relaciona-se com sentir, “pensar” com o exercício do pensamento, “estarmos” evidenciando a questão do local, mas sempre no coletivo, no infinitivo e no gerúndio, marcando seu inacabamento, tal qual “sendo”, expondo a ideia de que não somos, pois não finalizamos nada, e sim que estamos em constante processo de “estar-sendo” (Will Paranhos, 2024). Em outras palavras, senti-pensar-estarmos-sendo é uma forma de pesquisa *currere*, “em curso” (Elizabeth Macedo; Janet Miller, 2022), em *cuyrização*, intra-agindo de maneira relacional com aquilo que vai se apresentando no decorrer dos momentos que se apresentam.

(Com)fluindo

Todo o movimento feito até aqui me aproxima, de maneira intensa, de alguns ensinamentos ancestrais compartilhados pelo Mestre Nego Bispo e creio que, na tentativa, e sempre tentativa, de contra-colonizarmos a pesquisa normativa, devo trazê-los, a fim de que também emaranham-se conosco. Possivelmente o mais famoso quase-conceito de Nego Bispo seja a contra-colonialidade, que nada mais é do que uma ação contrária à

colonização na tentativa de que não sejamos colonizados⁶ (Antônio Bispo dos Santos, 2023). Todavia, apesar de acreditar que esta seja uma perspectiva bastante interessante, haja vista facilitar o entendimento do que venha a ser um movimento contrário à colonialidade - é difícil, como o mesmo dizia, entender o que quer dizer decolonização ou descolonização -, percebo em seus saberes quase-conceitos tanto quanto ou mais potentes. Para mim, o mais proeminente de todos é a confluência⁷.

Para Antônio Bispo dos Santos (2023), a confluência representa o encontro dos saberes, a união das cosmologias, “a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece” (p. 15). No ato de confluir, que é desde sempre relacional, os emaranhamentos são criados no mesmo instante em que promovem confluências e, neste devir, percebe-se a infixação, pois nada “é” e tudo pode “vir a ser”, transformando-se e reconfigurando-se. O modo de pensamento confluyente é espiralar, pois tende a quebrar qualquer forma de monismo, de dualidade e de binarismos.

Tal como na intra-ação, a confluência faz cair por terra qualquer tentativa de sintetização. O modo de senti-pensar-estarmos-sendo em (com)fluência percebe que “quando falamos de indivíduo, estamos falando de unidade, estamos dizendo ‘um’, mas esse ‘um’ é parte do todo, do universo. Se para os humanistas o ‘um’ é o universo, para nós só há ‘um’ porque há mais de um” (Antônio Bispo dos Santos, 2023, p. 32). Assim, mesmo no emaranhado da (com)fluência, a singularidade é garantida, distanciando-se das capturas coloniais que buscam nos colocar no terreno do universalismo.

⁶ O que entendo ser impossível, visto que vivemos em função das normas que são, a todo o tempo, coloniais. A contra-colonização, para mim, é um movimento de negociação com as normas coloniais, permitindo-nos escapar, ainda que de modo contingente.

⁷ Logo que me deparei com a ideia de confluir, não pude deixar de, difratando-com o termo, perceber o quanto ela se aproxima da cuyrização. Confluência nada mais é do que a junção de “com” e “fluência”, sendo que o prefixo “com” nos remete à junção, união, agrupamento, e “fluência” faz referência à fluidez. Cuyrizar é isto, afinal, as afetopolíticas de localização em cuyrização operam justamente pela infixidez, além de enfatizarem a importância do coletivo.

Os corpos, sejam eles humanos, outros-que-humanos ou mais-que-humanos - em que podemos compreender a terra, os astros, o céu, enfim, a matéria como um todo - são fonte de conhecimento, dentro das confluências quilombolas criadas a partir do emaranhamento de saberes ancestrais oriundos de África, das cosmologias ameríndias, dos terreiros de umbanda e candomblé, sendo que tal materialidade se faz e refaz dentro de um constante envolvimento e (com)partilhamento, em que um não existe sem a presença do “outro”, mesmo quando esta não é mais física (Will Paranhos; Paulo de Tássio Silva, 2024; Antônio Bispo dos Santos, 2023).

Por mais essencialista que possa parecer, ao menos em um primeiro momento, pensarmos nessa intra-ação entre seres animados e inanimados, Karen Barad, física de formação, afirma que este menosprezo à tudo aquilo que não seja humano surge justamente por conta de um “moralismo [que] pinta humanos como os únicos agentes morais em cena” (Karen Karad; Jorge Marçal; Thiago Ranniery., 2020, p. 305). Para ela, nada mais *cuyr* do que a intra-ação que origina, e origina-se a partir de, diferentes meios, espécies, contextos, reinos (animal, vegetal, mineral), ou mesmo da espectralidade.

E assim, como avesso à refluência, que só se percebe na linearidade e que nos obriga a retornar para o local de onde partimos, o pensamento contra-colonial opera com a transfluência, em que, por meio da espiralaridade, nada possui fim, haja vista tudo se tratar, de acordo com Antônio Bispo dos Santos (2023), de um movimento de começo, meio e começo, que se dá sempre por meio das relações que se estabelecem com-o curso e com-o *currere* e com-o senti-pensar-estarmos-sendo e com-a intra-ação e com-a *cuyrização*.

Deixando as pontas soltas

Neste emaranhado, as pontas devem estar livres, a fim de emaranharem-se novamente com outros emaranhados que surjam. A partir de Karen Barad (2007), não há mais como sustentarmos os binarismos da/na pesquisa - e não só estes -, em que há oposição entre pesquisadore/pesquisadora/pesquisador e objeto, conhecedore/conhecedora/conhecedor e conhece/conhecida/conhecido, pois estes só

são possíveis quando se envolvem e “vão sendo” no ato de emaranhar-se. Quando Gloria Anzaldúa (2019) nos convida a viver nas fronteiras, ela nos lembra que uma consciência *mestiza* “[a]prende a equilibrar as culturas. Têm uma personalidade plural, opera em um modo pluralístico - nada é posto de lado, o bom, o ruim e o feio, nada é rejeitado, nada é abandonado” (p. 325). Na realidade, congrega-se no emaranhado o opaco, o turvo, o “complexo”.

A ideia é justamente, nesta relacionalidade, (com)fluirmos, constituindo saberes embebidos do sentir, que expressem a potência do envolvimento que, em si, compreende a diferença e as singularidades, abrindo-nos, pesquisadores, pesquisadoras, e pesquisadores-pesquisa, juntas, juntas e juntos-separades/separadas/separados, à outras formas de alteridade. Senti-pensar-estarmos-sendo, *cuyrizar*, (com)fluir, não importa o nome que se queira dar, é operar na/com a/pela criação, distanciando-nos de um objetivo comum, mas traçando rotas distintas e “complexas”, a fim de que encontros, talvez, sejam possíveis, ainda que saibamos que sempre nos desencontraremos e nos perderemos nos emaranhamentos.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza. Rumo a uma nova consciência. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 397-410.

BARAD, Karen. **Meeting the universe halfway**. Durham: Duke University Press, 2007.

BARAD, Karen; MARÇAL, Jorge F.; RANNIERY, Thiago. Performatividade queer da natureza. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S. l.], v. 3, n. 11, p. 300–346, 2021. DOI: 10.31560/2595-3206.2020.11.11882. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/11882>. Acesso em: 2 abr. 2024.

BARREIRA, Cristiano R. A.; RANIERI, Leandro P. Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In: MAHFOUD, Miguel. MASSIMI, Marina. (orgs.). **Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa**. Belo Horizonte, MG: Artesão Editora, 2013. p. 449-466.

BENETTI, Fernando J. **A bicha louca está fervendo: uma reflexão sobre a emergência da teoria queer no Brasil (1980-2013)**. 2013. Monografia, Universidade Federal de Santa Catarina.

BRITO, Marcelo Sousa. O lugar que há em nós ou o corpo-lugar que somos nós. **ILINX-Revista do LUME**, [S. l.], n. 12, p. 12-22, 2017.

COELHO, Caia Maria. Posfácio. In MOIRA, Amara. **Neca + 20 poemets travessos**. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021. pp. 28-32.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando Altair. DISSIDÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS À BRASILEIRA: uma cartografia das teorizações queer na pesquisa em educação. **Revista Inter Ação**, [S.L.], v. 42, n. 3, p. 608-630, 5 dez. 2017. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v42i3.48905>.

FERRERA-BALANQUET, Raúl M. Navegar rutas erótica decoloniales rumbo a relatos ancestrales karibeños. In: FERRERA-BALANQUET, Raúl M. et al. (orgs.). **Andar erótico decolonial**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2015a. p. 39-72.

HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa ou sobre a inatividade**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2023.

HARAWAY, Donna. **"Situated Knowledges" in Simians, Cyborgs and Women**. Londres: Free Association Books, 1990.

MACEDO, Elizabeth; MILLER, Janet L. POR UM CURRÍCULO "OUTRO": autonomia e relacionalidade. **Currículo sem Fronteiras**, [S. l.], v. 22, p. e1153, 2022.

MAINARDES, Jefferson. Contribuições da perspectiva ético-onto-epistemológica para a pesquisa no campo da política educacional. **Education Policy Analysis Archives**, [S. l.], v. 30, p. (146), 2022. DOI: 10.14507/epaa.30.7436.

MIGNOLO, Walter. Prefácio. In: FERRERA-BALANQUET, Raúl M. et al. **Andar erótico decolonial**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2015. p. 7-12.

MOTT, Luiz. Raízes históricas da homossexualidade no Atlântico lusófono negro. **Afro-Ásia**, n. 33, p. 9-33, 2005.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **Nem ao centro, nem à margem!** Corpos que escapam às normas de raça e de gênero. Salvador/BA: Editora Devires, 2020.

PARANHOS, Will. A gente não é. A gente vai [estamos] sendo. **Revista Cocar**, v. 21, n. 39, 2024.

PARANHOS, Will; JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. “Por uma escola gorda!”: difrações a partir do ativismo e estudos do corpo gordo. **Revista Teias**, [S. l.], v. 24, n. 75, p. 150–165, 2023. DOI: 10.12957/teias.2023.78800. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/78800>. Acesso em: 2 abr. 2024.

PARANHOS, Will; SILVA, Paulo T. B. da. PODE O QUEER SER DECOLONIAL? (DES)APONTAMENTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM CUYR LOCAL. In: Marcus Antônio Assis Lima. (Org.). **A interseccionalidade das questões de gênero e identidade**: Reflexões a partir do VI Seminário Internacional Desfazendo Gênero. 1ed. Uberlândia/MG: O Sexo da Palavra, 2024, v. 1, p. 81-100.

PELÚCIO, Larissa. O cu (de) Preciado—estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. **Iberic@**, v. 1, n. 9, p. 123-136, 2016.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer decolonial: quando as teorias viajam. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 5, n. 2, p. 411-411, 2015.

PINAR, William. **The character of curriculum studies**: bildung, currere, and the recurring question of the subject. Nova York: Palgrave Macmillan, 2011.

RICH, Adrienne. **"The Politics of Location" in Blood, Bread and Poetry**. Londres: Virago, 1987.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Caynnã de Camargo. O Pecado da Carne: neomaterialismo e a (re)descoberta do corpo. **Ex Aequo**, [S.L.], n. 35, p. 143-158, 15 jun. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.22355/exaequo.2017.35.09>.

TEDESCO, Pedro de C.; MAHEIRIE, Kátia; OLIVEIRA, João Manuel de. Uma revisão de literatura sobre o realismo agencial na psicologia. **Revista Polis e Psique**, v. 11, n. 2, p. 89-108, 2021.

TRUJILLO, Gracia. **O feminismo queer é para todos**. Salvador, BA: Devires, 2023.

VALENCIA, Sayak. Del queer al cuir: ostranénie geopolítica y epistémica desde el sur global. In: LANUZA, Fernando R.; CARRASCO, Raúl, M. (org.). **Queer & Cuir: Políticas de lo irreal**, p. 19-37. Cidade do México: Editorial Fontamara, 2015.

WAYAR, Marlene. **Travesti: una teoria lo suficientemente buena**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Muchas Nuances, 2021.

Entangle and *cuyrizar*: ethical-ontoepistemological perspectives for feeling-thinking-being other research

Abstract: Launching myself into an attempt to counter-colonize the “doing research” that we (re)know, I “get tangled with” neomaterialist theorizations (Karen Barad, 2007) and “erased” affectopolitical cuir (Gracia Trujillo, 2023), wishing to open the research to a movement of confluence (Antônio Bispo dos Santos, 2023) and *cuyrização* (Will Paranhos; Paulo de Tássio Silva, 2024). I allow myself to be “haunted by” the proposal of thinking about an “other” curriculum (Elizabeth Macedo; Janet Miller, 2022), so that the present work also becomes an attempt at entangled scientific writing. In this way, the reader will not find a text in which the “information” and “evidence” are presented in a cadenced manner, but, on the contrary, always entangled. “I move-with” the creative drive that constitutes the exercise of (with)contemplating life and its “complexities”, believing that this is a path to feeling-thinking-being “other” research.

Keywords: Entangle. *Cuyrizar*. Research.

Errata solicitada pela pessoa autora

Onde se lê na página 05, nota de rodapé 3:

“Neologismo [que] foi cunhado inicialmente pela física e filósofa estadunidense Karen Barad (2007) para apontar para a indissociabilidade da ética, da ontologia e da epistemologia quando nos engajamos na prática científica e na produção de conhecimento científico. O termo tem sido utilizado com maior frequência na última década. Kuby e Zhao (2022) indicam que esse neologismo, escrito como uma única palavra, demonstra que axiologia (ética) não pode ser separada da ontologia (realidade) nem da epistemologia (conhecimento). Para elas, a ético-ontoepistemologia é uma orientação filosófica sobre

como o mundo se torna o que é, e não uma lente que podemos aplicar ou tirar/colocar”.
(Vilmar Pereira; Simone Freire; Márcia da Silva, 2019, pp. 3-4)”.

Leia-se:

“Neologismo [que] foi cunhado inicialmente pela física e filósofa estadunidense Karen Barad (2007) para apontar para a indissociabilidade da ética, da ontologia e da epistemologia quando nos engajamos na prática científica e na produção de conhecimento científico. O termo tem sido utilizado com maior frequência na última década. Kuby e Zhao (2022) indicam que esse neologismo, escrito como uma única palavra, demonstra que axiologia (ética) não pode ser separada da ontologia (realidade) nem da epistemologia (conhecimento). Para elas, a ético-ontoepistemologia é uma orientação filosófica sobre como o mundo se torna o que é, e não uma lente que podemos aplicar ou tirar/colocar”.
(Jefferson Mainardes, 2022, pp. 3-4).

Onde se lê na página 18 (referências bibliográficas), linha 19:

“PEREIRA, Vilmar Alves; FREIRE, Simone Grohs; SILVA, Márcia Pereira da. Ontoepistemologia ambiental: vestígios e deslocamentos no campo dos fundamentos da educação ambiental. Pro-Posições, v. 30, 2019, pp. e20180011”.

Exclua-se e leia-se, na página 17, linha 28:

“MAINARDES, Jefferson. Contribuições da perspectiva ético-onto-epistemológica para a pesquisa no campo da política educacional. Education Policy Analysis Archives , [S. l.], v. 30, p. (146), 2022. DOI: 10.14507/epaa.30.7436.”.

Recebido: 06/05/2025

Aceito: 02/03/2026

Solicitação da errata: 11/08/2026

Publicação da errata: 12/08/2026